



UNIVERSIDADE PAULISTA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E COMUNICAÇÃO – ICSC

CURSOS DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

JOSHUA GERONIMO

KINHA STAM

TOMAS DE ANGELO NETO

BRICS: MODA OU SOLUÇÃO?

PERÍODO 2017/2

TURMA 6º SEMESTRE

MATRIZ 2017/2

NOVEMBRO/2017

UNIVERSIDADE PAULISTA

JOSHUA, KINHA, TOMAS

BRICS:MODA OU SOLUÇÃO?

SÃO PAULO

2017

JOSHUA, KINHA, TOMAS

BRICS: MODA OU SOLUÇÃO?

Trabalho de pesquisa apresentado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Paulista (UNIP) como requisito avaliativo da disciplina de Economia e ética sob a orientação da Prof. Marcos Paulo Oliveira

SÃO PAULO

2017

BRICS: MODA OU SOLUÇÃO?

JOSHUA, KINHA, TOMAS

BRICS: MODA OU SOLUÇÃO?

Trabalho de pesquisa apresentado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Paulista (UNIP) como requisito avaliativo da disciplina Economia e ética sob a orientação da Prof. Marcos Paulo de Oliveira

Data: ____/____/____

Nota: _____.

Banca Examinadora:

Prof. Marcos Paulo de Oliveira

SÃO PAULO

2017

Sumário-

RESUMO	10
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	11
1.0 MOBILIDADE DE CAPITAIS: UMA SINTESE TEÓRICA	12
1.1- MOBILIDADE DE CAPITAIS PERFEITA.....	13
1.2- MOBILIDADE DE CAPITAIS IMPERFEITA.....	14
2.0 PANORAMA SOBRE PAÍSES EMERGENTES BRICS.....	14
2.1- BRICS – AS POTÊNCIAS EMERGENTES.....	15
3.0 BRICS MOBILIDADE DE CAPITAIS.....	18
3.1- NOTAS DE CRÉDITO DOS BRICS.....	20
3.2- RANKING RISCO PAÍS.....	20
CONCLUSÃO.....	21
BIBLIOGRAFIA.....	21

Resumo

A busca dos países emergentes se dá principalmente pela busca em fortalecer o mercado financeiro para melhorar a mobilidade dos capitais e com isso gerar mais demanda externa. O trabalho a seguir busca trazer uma ideia sobre mobilidade de capitais e como elas impactam a renda dos cidadãos e também em seu relacionamento com o exterior, como os países emergentes renasce a expectativa de manter o ciclo econômico mais interessante e esperar um planejamento dos países para gerarem um advento em sua produção. A China é o grande personagem, que incomoda os EUA e tendo grande demanda internacional, os acordos bilaterais podem ser interessantes para ela de forma que a mobilidade dos capitais pode ser focada nesses países para estreitar os laços entre eles.

Abstract

The quest for emerging countries is to search for a database to improve the mobility of capital and thereby generate more external demand. The following work seeks to bring an idea about capital mobility and how they impact the income of citizens and also in their relationship with the outside world, as the emerging countries revive the expectation of keeping the economic cycle more interesting and expect countries to plan for generate an advent in its production. China is the great character, who bothers the US and having great international demand, bilateral agreements may be interesting to her so that capital mobility can be focused on these countries in order to strengthen the bonds between them.

Introdução

O BRICS é um dos blocos econômicos mais intrigantes da economia mundial, pois em seu conjunto e em relações bilaterais significa muito para o advento desses países e em um cenário de melhor dos mundos pode significar uma virada no status quo desta bola chamada terra. Neste trabalho você verá de forma minuciosa a mobilidade de capitais e como ela afeta o desenvolvimento destes países na busca para uma caminhada incisiva a se tornarem potências e quem sabe incomodar os EUA e os mercados Europeus. A China tem sido o grande protagonista do clube, onde durante os últimos anos muito dos acordos com o bloco o favoreceram, Rússia que passou por momentos políticos um tanto complicados, vem estabelecendo seu mercado financeiro para atrair a entrada de capitais. Índia vem buscando reformular o mercado pois o país é marcado por um mercado complicado, então o governo indiano tem dado incentivo para as empresas adotarem as boas práticas de governança.

1. MOBILIDADE DE CAPITAIS: UMA SINTESE TEÓRICA

A mobilidade de capitais está diretamente relacionada ao equilíbrio interno e externo do país, condizendo com a qualidade de vida de seus cidadãos e com seu relacionamento com os países vizinhos e a capacidade de se financiar. Mobilidade de Capitais a grosso modo é a extensão pela qual os recursos (ativos financeiros) podem ser transferidos entre as nações, dito isso cabe a cada nação seguir sua necessidade de equilíbrio e plano de desenvolvimento, para tal, são adotadas políticas para atração dos capitais, sendo para atrair investimento externo ou gerar consumo e investimento do setor privado.

Imaginando um cenário: um gráfico onde a taxa de juros se dá pela linha vertical e a da renda pela horizontal, neste gráfico o equilíbrio IS/LM está abaixo e para a direita da BP. A taxa de juros é baixa por estar abaixo da BP, por isso o capital acaba saindo do país o que acaba gerando um déficit nas transações correntes ou os fluxos de investimentos são baixos que não compensam na conta corrente. Do outro lado, à direita da balança a renda real é alta o que gera um déficit pelo o aumento na importação, gerando o chamado déficit gêmeo fazendo o BP negativo. O resultado terá como base o grau da mobilidade de capital e pela inclinação BP.

Como toda teoria econômica a mobilidade de capitais tem variáveis de ambiente através do raciocínio lógico das teorias e de sua base keynesiana (modelo IS-LM), como uma nação pode passar por dificuldades de mobilidade por diversas razões, à a mobilidade perfeita e a imperfeita, a definição da “imperfeição” ou “perfeição” vem pelo controle legal de alguns países que dificultam a entrada saída de ativos, um mercado financeiro e sistema bancário não desenvolvido que acaba atrapalhando a fluxo de capitais. O nível da mobilidade acaba afetando a curva BP.

Alta Mobilidade de capital é quando a curva BP é mais “sensível”, seguindo a lógica, com um aumento da renda real, aumenta as importações o que aumenta o déficit na TC. Porém dessa vez a mobilidade é alta, basta uma pequena elevação dos juros será o necessário para atrair o capital externo para a compra de ativos nacionais, e ajudar a zerar a conta a conta corrente.

Perfeita mobilidade de capital a barreira dá ao país a capacidade de paridade da taxa de juros doméstica em relação a outros países, nisso ocorrendo a variância da renda real interna, não há alteração na taxa de juros, e a BP iria para horizontal. Por tanto nesse cenário o único que pode gerar interferência para que aja déficit ou superávit seria uma variação na taxa de juros nominal.

1.1 Mobilidade de Capitais Perfeita.

Perfeita mobilidade de capital dá ao país a capacidade de paridade da taxa de juros doméstica em relação a outros países, nisso ocorrendo a variância da renda real interna, não há alteração na taxa de juros, e a BP iria para horizontal. Por tanto nesse cenário o único que pode gerar interferência para que aja déficit ou superávit seria uma variação na taxa de juros nominal.

Agora veremos uma variedade de cenários de perfeita mobilidade e quais são as teorias adotadas. **Mobilidade de Capitais Em Um Câmbio Fixo**, utilizando uma política monetária para alteração da renda real não daria certo pois o efeito seria nulo. Por tanto a política fiscal terá os efeitos mais significantes de curto prazo dentro da renda do país, isso quando um governo não esteriliza sua presença no mercado cambial, ou seja, a interferência do BC se encontra com o mercado de oferta e demanda da moeda externa.

Em uma relação de países ficaria da seguinte forma: imagine 2 Países grandes e semelhantes em tamanho, onde comercializam entre si. Em ambos a perfeita mobilidade de capitais e também ambas as taxas de juros descoberta são idênticas, e, portanto, ocorre o *efeito locomotiva* que é quando a renda real de um país aumenta (devido ao aumento monetário) a do outro também aumentará. Quando o país doméstico opta por paridade de câmbio com uma moeda estrangeira uma política monetária de expansão acaba elevando o aumento da renda dos dois países. (plano real)

Perfeita Mobilidade de Capitais em Câmbio Flutuante. Bem se tratando de um câmbio flutuante se prevê que os países iram se resguardar conforme a oscilação

de preços, portanto, a antecipação é feita através das políticas monetárias e ou fiscais para garantir que as estratégias e metas previstas se realizem, vindo por essa ótica se dá a impressão que a política monetária seria uma boa opção para afetar a renda pois como o regime é mais flexível e a perfeita mobilidade, dá uma maior sensibilidade. Já uma política fiscal traria o efeito crowding-out (evasão do investimento privado devido interferência do governo) o que iria dissipar o efeito sobre a renda.

Regime Fixo X Regime Flutuante (Perfeita Mobilidade de Capitais)

Com a perfeita mobilidade, a política monetária tem pouco efeito na renda real isso com a taxa de câmbio fixa. Porém se é flutuante terá mais influência sobre a renda.

A política fiscal apresenta maiores efeitos na renda em pequenos países quando à taxa fixa e pouco se a taxa é flutuante.

1.2 Mobilidade de Capitais Imperfeita.

Deixando claro, *a mobilidade imperfeita de capitais em uma política monetária de expansão* acaba afetando o preço da moeda (depreciando o juro nominal) induzido por um aumento nos estoques de moeda nominal e que acaba estimulando o investimento ($S=I$) e a renda real se expande ($Y=S+C$; $\uparrow S = \uparrow Y$). Isso em um câmbio fixo. Em baixa mobilidade de capital este declínio da taxa de juros gera uma evasão de capital, visto que a renda aumentou acaba aumentando os gastos com importações e gera um déficit no BP, com uma mobilidade alta a queda de juros também gera déficit no BP. A Política fiscal iria atrair ou buscar atrair o capital externo com os juros altos, e aumentar a renda pelos gastos do governo, gerando renda e com isso aumenta a demanda por importação o que na BP pela política de atração de capital externa apresentaria uma BP equilibrada.

2. Panorama Sobre Países Emergentes e o BRICS

Mercados Emergentes é um termo comumente usado a partir da década de 80 para definir ou designar um grupo de países ou regiões no mundo com um rápido ou consistente crescimento econômico, industrial e de modernização, mas que ainda não atingiram a maturidade de nações desenvolvidas como EUA, Japão, Reino Unido, Canadá, parte dos países da União Europeia entre outros, são chamados também de

países em desenvolvimento. Existem atualmente cerca de 30 países emergentes como, por exemplo: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, os chamados BRICS, mas também outros como Indonésia, México, Turquia, Polônia, Tailândia, República Tcheca, Hungria, Argentina entre outros. Estes países representam pouco mais de 50% de todo o PIB e mais de 80% de toda população do mundo.

Um Caso a parte é o da Coreia do Sul, onde há uma discussão sobre se o país ainda é emergente ou se já transita entre os desenvolvidos, devido seu alto nível socioeconômico.

Algumas das chamadas economias emergentes determinam já hoje, em grande medida, a evolução da economia mundial como um todo, forçando as "economias desenvolvidas" se adaptem rapidamente a esta nova realidade.

Algumas características dos mercados emergentes são como principais características das economias emergentes, podemos citar entre outros fatores, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre os níveis médio e alto, setor industrial em desenvolvimento, crescimento da infra-estrutura (portos, rodovias, aeroportos, ferrovias, etc.), atração de capital externo para investimentos no setor produtivo, crescimento na geração de empregos, processo de êxodo rural.

As economias emergentes tornaram-se financiadoras do consumo e do investimento nas economias desenvolvidas. Tradicionalmente, os fluxos de capitais corriam em sentido inverso, mas a combinação de uma série de fatores nos países desenvolvidos (inflação controlada, taxas de juro em níveis baixos, forte valorização de diversas classes de ativos, com destaque para a habitação) e nos países subdesenvolvidos (política cambial) proporcionou um maior destaque de economias anteriormente sem participação importante no cenário mundial.

As tendências demográficas e os modelos de acumulação de capital e produtividade, indicam que as economias emergentes possam desempenhar um papel ainda mais destacado na economia mundial. Brasil, a Rússia, a Índia e a China, em especial, poderão representar mais de metade do peso das atuais seis maiores economias industrializadas até 2025 e ultrapassar estas últimas em menos de 40 anos.

2.1 BRICS – As Potências Emergentes

BRICS é o acrônimo para o grupo de países emergentes de maior relevância no cenário econômico mundial (B= Brasil, R= Rússia, I= Índia, C= China, S= South

Africa). A sigla foi criada pelo economista britânico Jim O'Neill em 2001 inicialmente sem incluir a África do Sul, está inserida em 2011 e desde então, a sigla passou a ser amplamente usada como um símbolo da mudança no poder econômico global, distanciando-se das economias desenvolvidas. Apesar de o grupo ainda não ser um bloco econômico ou uma associação de comércio formal, como no caso da União Europeia, NAFTA e MERCOSUL, existem fortes indicadores de que os quatro países do BRIC têm procurado formar um "clube político" ou uma "aliança", e assim converter seu crescente poder econômico em uma maior influência geopolítica. Desde 2009 os líderes do grupo realizam cúpulas anuais em cidades aleatórias dos respectivos países membros.

Este é o mais importante grupo de países emergentes e conta com cerca de 25% do PIB e quase 50 % da população mundial com 3 bilhões de pessoas, contam ainda com uma grande força de trabalho, um mercado consumidor gigantesco e um grande peso no mercado financeiro, contando com algumas das mais importantes praças financeiras da atualidade como, Hong Kong, Xangai e Shenzhen na China, São Paulo, Mumbai, Moscou e Johannesburg onde se movimentam bilhões de dólares em capitais diariamente.

Excluindo a África do Sul o grupo conta com 4 dos 5 países membros na lista das 20 maiores economias do mundo, estando a China em segundo lugar, Índia em sétimo, Brasil em nono e a Rússia em décimo segundo, bem mais distante está a África do Sul em trigésima nona. Por causa desta disparidade da África do Sul em relação a seus parceiros, muitos especialistas discorrem sobre a adesão desta nação, muitos dizem que países mais pujantes como México, Turquia e Indonésia deveriam estar no lugar da nação africana, mas foi justamente por ser a nação africana mais desenvolvida e com melhor trânsito financeiro global que a mesma foi incluída no grupo, para que também o mundo olhasse mais para a África como um todo.

Em 2050. De acordo com as projeções da PwC, as economias emergentes de hoje serão maioria na lista de maiores do mundo em 2050. Com exceção dos Estados Unidos, países desenvolvidos, como Japão e Alemanha, terão recuado nos rankings globais até 2050, sendo substituídos por Índia, Indonésia, Brasil, México e Rússia. Este levantamento foi considerado pelo PIB em Poder de Paridade de Compra ou PPC. Nota-se com exceção da África do Sul que todos os outros países do grupo estarão ranqueados no TOP 10 das maiores economias do mundo.

Lista das dez maiores economias em 2050 segundo a PwC:

1. China — US\$ 58,499 trilhões
2. Índia — US\$ 44,128 trilhões
3. Estados Unidos— US\$ 34,102 trilhões
4. Indonésia — US\$ 10,502 trilhões
5. Brasil — US\$ 7,540 trilhões
6. Rússia — US\$ 7,131 trilhões
7. México — US\$ 6,863 trilhões
8. Japão — US\$ 6,779 trilhões
9. Alemanha — US\$ 6,138 trilhões
10. Reino Unido— US\$ 5,369 trilhões

Outros Dados

IDH

Se nos índices econômicos os Brics são destaque positivo, em rankings de qualidade de vida esses cinco países ainda têm muito o que avançar. No Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul não estão nem perto do topo da lista.

O mais bem colocado é a Rússia, em 49º lugar. O Brasil aparece em 79º, a China em 90º. A África do Sul ficou com a 119ª posição e a Índia em 131ª.

Gini

Outro problema comum entre os países que formam os Brics é a desigualdade. Para medir isso, o índice de Gini mostra a concentração de renda entre os cidadãos de cada país. As notas variam de 0 a 100, sendo que 0 representa a igualdade absoluta e 100 à desigualdade absoluta. Estimativa do Banco Mundial aponta que o país mais desigual do grupo é a África do Sul, com índice de 63. Em seguida, aparece o Brasil, com 51. China (42), Rússia (41) e Índia (35) encerram a lista.

Uma importante demonstração de que esses países se tornaram uma das novas ordens geopolítica mundial foi a criação do New Development Bank ou Novo Banco de Desenvolvimento, sediado em Xangai. A criação deste banco de desenvolvimento é uma contrapartida em relação ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e ao Banco Mundial, pois os países dos Brics querem uma menor dependência destas

instituições, tradicionalmente dirigidas por representantes de países desenvolvidos e que segundo os Brics essa mesma instituição tem sido considerada como pouco representativas dos seus interesses.

Devido a importância pelo que o grupo representa, ele tem um grande fluxo de capitais e a seguir veremos um panorama sobre a mobilidade de capitais nos países do grupo e qual dele se destaca como o melhor em mobilidade de capitais numa análise que leva em consideração o risco país e notas de créditos atribuídas por agências de classificação de risco e a partir daí criar um ranking destes países para observarmos como ficaram a colocação individual sobre suas mobilidades imperfeitas de capitais.

3.0 Mobilidade de Capitais nos países integrantes dos BRICS

Para falarmos sobre os capitais nesses países primeiros temos que fazer um resumo dos mercados financeiros de cada país:

Brasil:

O mercado de capitais Brasileiro é um dos mais importantes do mundo, pois é um mercado altamente regulado e volumoso e que pode oferecer grandes retornos em contraponto ao alto risco. Esse mercado passou por uma grande transição, de um mercado com falta de transparência na gestão, ausência de instrumentos adequados de supervisão das companhias, a concentração de propriedade e controle das empresas, a pouca negociabilidade de ações em bolsa e as fracas leis de proteção aos acionistas minoritários para um mercado regulado marcado pela participação de investidores institucionais, fragmentação do controle acionário, pelo foco na eficiência e transparência de gestão e alto volume de negócios.

China:

A China, nos últimos anos, aumentou significativamente a importância de seu mercado de capitais. Uma série de mudanças no quadro macroeconômico e regulatório (abertura comercial, abertura para investimento estrangeiro em bolsas, estabilização da economia), tornaram o mercado de capitais chinês mais atraente e acessível aos investidores internacionais. O resultado destas mudanças está sendo uma entrada significativa de investimentos externos direcionados ao seu mercado de

capitais, acompanhado por um crescimento do valor das ações e volumes negociados em bolsa. Outro fator que reflete o crescimento que está ocorrendo no mercado de capitais da China é a evolução do número de empresas listadas em Bolsa, isto se deve principalmente, pela transformação das empresas estatais em empresas de capital aberto e pelos altos índices de investimento externo direcionado ao mercado chinês. Existem duas grandes bolsas de valores na China, a Bolsa de Shanghai e a bolsa de Shenzhen. Exclui-se Hong Kong por ser de uma região autônoma.

Rússia:

A Rússia começou um longo processo a partir de 2001 para parear os padrões de seu sistema financeiro com os padrões ocidentais para se tornar mais acessível e compreensível aos estrangeiros. Havia até meados de 2011 duas bolsas de valores russas, a Micex e a RTS, uma operada em Rublo e a outra em Dólar, respectivamente. Atualmente elas estão fusionadas em apenas uma bolsa, a Moscow Exchange. Por ser um país emergente, a Rússia possui algumas distorções na disposição do seu mercado financeiro que impedem um desenvolvimento maior. O custo de regulação do mercado é alto, e os incentivos não são suficientes para estimular os aplicadores. O mercado financeiro é concentrado em Moscou, com 60% das reservas financeiras, de 40% a 55% das instituições financeiras. Uma parcela significativa das reservas monetárias é mantida em moeda estrangeira e há uma baixa intensidade financeira o que é prejudicial à capacidade do mercado em atrair novos recursos.

Índia:

Por ser um país pobre, marcado por desigualdades sociais profundas, o desenvolvimento econômico da Índia foi por longo tempo marcado pelo fardo de uma cultura ancestral fortemente hostil aos valores capitalistas e pela ação intrusiva de um Estado de mão pesada. O país conta com duas grandes bolsas de valores, a BSE e a NSE, ambas sediadas em Mumbai, o centro financeiro indiano. O mercado indiano de capitais ainda é muito fechado ao capital estrangeiro, sendo muito restrito, principalmente no mercado de ações.

Diversas iniciativas de governança corporativa foram realizadas na Índia desde a crise asiática. A primeira foi feita pela Confederação das Indústrias Indianas (Confederation

of Indian Industry –CII), que formulou o primeiro código voluntário de governança corporativa em 1998. Esse código estabelecia que as empresas deveriam adotar as boas práticas de governança corporativa para que conseguissem investimentos estrangeiros. E atrair para as companhias acionistas ativos os chamados investidores institucionais.

África do Sul:

A África do Sul é o maior player africano no mercado de capitais, tem uma das maiores bolsas de valores do mundo, inclusive é o mercado acionário dos BRICS com o maior número de empresas estrangeiras listadas. Tem um mercado exportador relativamente grande, especialmente de commodities como o Brasil, o que igual seu par sul-americano o desfavorece em períodos marcados por baixa demanda internacional por commodities, especialmente o ouro. A África do Sul é o com o menor PIB do grupo. Alguns analistas internacionais desaprovam sua permanência no grupo, pois sugerem que há países mais relevantes e pujantes no cenário internacional como o México, a Turquia, a Indonésia e até mesmo a Coreia do Sul.

3.1 NOTAS DE CRÉDITO DOS BRICS

Com o rebaixamento da nota de crédito do Brasil pela agência de risco Moody's em fevereiro de 2016 em plena crise financeira e sendo a última das três principais agências de risco do mundo a tirar a nota de grau de investimento do país – as outras são Standard & Poor's e Fitch – o Brasil passou a ser o pior país do grupo em termos de mobilidade de capitais e risco.

A Rússia é considerada grau especulativo, pois mantém o selo de bom pagador apenas pela Fitch, mesmo assim tem uma avaliação melhor do que o Brasil.

Dos BRICS como um todo, a China é a melhor avaliada, com grau de investimento em todas as agências, seguida pela África do Sul e Índias, ambos com grau de investimento, mas com notas menores que as dadas a economia chinesa.

3.2 Ranking Risco Brics

Países	S&P	Perspectiva	Moody's	Perspectiva	Fitch	Perspectiva
Brasil	BB	Negativa	Ba2	Negativa	BB	Negativa
Rússia	BB+	Positiva	Ba1	Estável	BBB-	Positiva
Índia	BBB-	Estável	Baa2	Estável	BBB-	Estável
China	A+	Estável	A1	Estável	A+	Estável
África do sul	BB+	Negativa	Baa3	Negativa	BB+	Estável

Fonte: Tradingtopics

Conclusão

Os Brics constituem um importante agente para a dinâmica da economia mundial, dessa forma, a união entre esses países com acordos comerciais, concessões e retirada de barreiras para a livre circulação de mercadorias entre eles faz com que seja possível alavancar os níveis transacionais entre essas nações. Dentro da capacidade de produção, que em alguns desses países tem um gargalo, seja na indústria ou nas condições que as sustentam, o caminho é a ajuda da china e Rússia no Brasil e Índia e África do Sul e o now how da matéria prima desses países, em troca a disponibilidade e favorecimento em concessões para o incentivo do setor privada de todo o BRICS, cabendo aos países a criarem regras de livre transação de agentes e leis de governança dentro dessa ideia do BRICS.

Bibliografia.

Macroeconomia Blanchard

Teoria geral: Do emprego do juro e da moeda.